

**Ministério de Minas e Energia**  
**Assessoria de Comunicação Social – ASCOM**

**Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:**

**Sumário**

|                                                                                                      |           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>VEÍCULO: Valor Econômico.....</b>                                                                 | <b>2</b>  |
| <b>Título: Compagas se prepara para privatização em 2021 .....</b>                                   | <b>2</b>  |
| Título: Novata, Evoltz planeja expansão em transmissão.....                                          | 4         |
| Título: Starboard compra Ouro Preto e estreia como produtora .....                                   | 6         |
| Título: Petrobras corta em 8,5% seu pessoal.....                                                     | 8         |
| Título: Pemex dobra prejuízo e produção cai .....                                                    | 9         |
| Título: Destaques .....                                                                              | 10        |
| <b>VEÍCULO: O Estado de S. Paulo .....</b>                                                           | <b>11</b> |
| Título: Navio sob risco tem 295 mil toneladas de minério no MA.....                                  | 11        |
| <b>VEÍCULO: Folha de S. Paulo .....</b>                                                              | <b>13</b> |
| Título: Petrobras desiste de vender Gaspetro em bolsa.....                                           | 13        |
| Título: Navio contratado pela Vale que encalhou tem cerca de 4.000 toneladas de óleo, diz Ibama..... | 13        |
| Título: Disputa .....                                                                                | 15        |
| <b>VEÍCULO: O Globo.....</b>                                                                         | <b>15</b> |
| Título: Acidente de navio a serviço da Vale pode custar mais de R\$ 1 bi.....                        | 15        |
| Título: Moeda americana renova recorde, a R\$ 4,476 .....                                            | 17        |

**VEÍCULO: Valor Econômico****Data: 28/02/2020****Seção: Empresas****Autor: André Ramalho — Do Rio****Título: Compagas se prepara para privatização em 2021**

Na fila para ser privatizada em 2021, a Compagas, distribuidora de gás canalizado do Paraná controlada pela Copel, se prepara para o novo momento. Presidente da concessionária, Rafael Lamastra Jr. conta que 2020 será o ano derradeiro para “arrumação da casa”, antes da venda da companhia. Uma das possibilidades, segundo o executivo, é que o controle da empresa seja negociado na bolsa.

De acordo com Lamastra, o objetivo é resolver algumas pendências que mexem diretamente com o valor da futura privatização. Na pauta, estão assuntos como a renegociação do contrato de fornecimento de gás com a Petrobras e a definição sobre a renovação da concessão com o governo paranaense. Outra prioridade será buscar um mercado para o gás que deixará de ser consumido pela fábrica de fertilizantes de Araucária, hibernada pela Petrobras e que pode impactar nas receitas da distribuidora. Além disso, a concessionária espera resolver, também com a petroleira, um passivo judicial envolvendo a refinaria Repar.

“Este ano teremos pela frente um trabalho de base para colocar o negócio em pé”, afirma Lamastra ao **Valor**. A Copel tem 51% da empresa e a Gaspetro e a Mistui têm, cada uma, 24,5% da distribuidora.

A Compagas fechou 2019 com alguns bons resultados: o volume de gás distribuído cresceu 20% no Paraná, para uma média de 1,4 milhão de metros cúbicos diários (m<sup>3</sup> /dia) - o que faz da companhia a 12ª maior distribuidora de gás do país, segundo o **Ministério de Minas e Energia**. Acompanhando o aquecimento da demanda, as receitas também cresceram cerca de 20%, para R\$ 1,03 bilhão.

O desafio, agora, é manter esse patamar, depois que a Petrobras decidiu hibernar a fábrica de Araucária, que utilizava gás como matéria-prima. Segundo Lamastra, a unidade, em alguns momentos do ano, chegava a representar um terço do volume movimentado pela Compagas. “Começamos o ano menores e buscamos formas para repor esse volume”, disse.

O executivo acredita que a Repar possa aumentar sua demanda, uma vez privatizada, e que a térmica de Araucária - que opera sem contrato no ambiente regulado - possa ser reativada no futuro.

Em meio à perda de um de seus principais clientes, a Compagas negocia com a Petrobras a renovação do seu contrato de fornecimento de gás, que vence em 2021. Lamastra afirma que a ideia é antecipar um novo contrato, com novas condições de preço. Em dezembro, a Petrobras anunciou a renovação com 12 concessionárias, garantindo uma redução média imediata de 10% nos preços do gás em relação aos contratos anteriores. Lamastra afirma que os novos valores não estão fechados, mas que há sinalizações de que os preços podem cair no Paraná também.

O novo contrato, segundo ele, também venceria em 2021, abrindo espaço para que a Compagas se beneficie da abertura do mercado de gás para conseguir condições contratuais ainda melhores para o período entre 2022 e 2024. Em 2019, a empresa participou da chamada pública conjunta para contratação de gás, realizada pelas distribuidoras do Centro-Sul. Embora apenas a Petrobras tenha avançado para as negociações finais, a companhia abriu conversas com a Shell, Total e a boliviana YPFB. “[A chamada] não diversificou os fornecedores de imediato, mas foi boa para forçar a Petrobras fazer uma renegociação”, disse.

Outra pendência para a privatização da Compagas está na renovação da concessão. A empresa entende que o atual contrato vence em 2024, mas uma lei estadual de 2017 estabeleceu uma nova interpretação, fixando a data de expiração em janeiro de 2019. O executivo explica que a companhia e o governo paranaense negociam os termos da extensão e que um grupo de trabalho foi criado com a agência reguladora local (Agepar) para definir as “bases para a antecipação da renovação da concessão”, com detalhes sobre investimentos e outorga necessários.

“A partir daí vamos iniciar o processo de alienação das ações [da Compagas]. Acredito que no segundo semestre deste ano deve haver algum avanço [sobre a renovação da concessão]”, afirmou.

Lamastra diz que acompanha também os movimentos da Petrobras, que prepara a venda de seus 51% na Gaspetro, sócia da Copel na Compagas. A estatal iniciou ontem a etapa de divulgação de oportunidades de venda da Gaspetro.

Ele afirma, ainda, que a distribuidora tem planos de enxugar o seu efetivo, dos atuais 150 funcionários para 130, por meio de um programa de demissão voluntária, e que a companhia quer eliminar um passivo judicial com a Petrobras sobre o consumo de gás da refinaria Repar. As duas partes têm uma interpretação diferente sobre a cobrança de uma tarifa de operação e manutenção do gasoduto dedicado que abastece a refinaria. “Como tanto a

Compagas se prepara para a privatização quanto a Petrobras prepara a venda da Repar, creio que a tendência é caminharmos para um acordo”, disse.

**VEÍCULO:** Valor Econômico

**Data:** 28/02/2020

**Seção:** Empresas

**Autor:** Letícia Fucuchima — De São Paulo

**Título:** Novata, Evoltz planeja expansão em transmissão

Após quase dois anos de arrumação de casa, num processo que envolveu limpeza de passivos e reestruturação financeira, a Evoltz se prepara para expandir suas operações no setor de transmissão de energia. A estratégia de crescimento no longo prazo, tal como a participação em novos leilões do governo, ainda não está totalmente definida, mas a empresa já está posicionada para participar do processo de consolidação em curso no setor, contou ao **Valor** João Nogueira Batista, CEO da companhia.

Controlada por um fundo de investimento sob gestão da TPG Capital, a Evoltz foi criada para reunir os ativos de transmissão operacionais adquiridos pela gestora americana no processo de recuperação judicial da Abengoa no Brasil. São sete linhas de transmissão, com cerca de 3.500 quilômetros de extensão, concentrados principalmente na região da Amazônia Legal, e que somam receita anual permitida (RAP) de R\$ 524,3 milhões.

O processo de organização e saneamento dos ativos já leva quase dois anos. Nesse ínterim, a empresa esteve concentrada na gestão dos passivos contingentes e litígios de várias naturezas, como cíveis e fundiários - cerca de R\$ 400 milhões foram “economizados”, ou seja, deixaram de ser desembolsados com os passivos. Conforme os executivos da empresa, esse trabalho já está quase finalizado, restando apenas ações de menor valor.

Agora, a Evoltz se vê pronta para direcionar mais esforços ao lado operacional. Os primeiros passos já foram dados: o centro de operações está sendo levado para dentro da empresa, o que deve trazer mais eficiência e controle, ao mesmo tempo que os serviços de manutenção terceirizados foram otimizados e recontratados em novas bases.

Neste contexto, a companhia trouxe para chefiar a área de operações Gabriela Desire, engenheira com passagens pelo Operador Nacional do Sistema (ONS) e por grandes empresas, como a State Grid Brasil. Ela se junta a Denise Francisco, que atua como CFO, para formar uma diretoria majoritariamente feminina.

A meta da Evoltz, novata e ainda desconhecida no mercado, é se tornar a principal referência no segmento de transmissão, considerado o mais estável e

previsível do setor elétrico brasileiro. “Esse segmento está e continuará passando por uma consolidação. Poderemos nos posicionar para participar desse processo ou da aquisição de novas linhas”, afirma Batista.

“Nos caracterizamos como uma plataforma. Podemos entrar em leilões, se for uma estratégia. Já fizemos um investimento muito grande em processos e sistemas, e estamos prontos para fazer a gestão de qualquer ativo sem aumentar custo”, acrescenta Denise Francisco.

A aposta no mercado secundário está centrada nas oportunidades que esse segmento oferece. Os executivos apontam que existe “grande emaranhado societário” no setor de transmissão, no qual atuam desde pequenos operadores e construtores - que entram nos projetos com intenção de vender sua participação em algum momento -, até grandes agentes, como a indiana Sterlite e a gestora Pátria, que recentemente alienaram ou reestruturaram seus portfólios de ativos.

Já no ambiente regulado, a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) deve realizar dois leilões de transmissão por ano até 2022. Segundo cronograma preliminar divulgado pelo governo, neste ano, estão previstos um certame em julho e outro em dezembro. Em 2021 e 2022, as licitações devem ocorrer em junho e em dezembro.

Para fazer frente ao plano de crescimento, a companhia estuda alternativas para aumentar seu acesso ao mercado de capitais local, que vem apresentando não só forte evolução devido ao novo patamar de juros reais, mas também interesse de fundos de investimento em participações em infraestrutura (FIP-IE) - a exemplo das recentes captações da Vinci Energia e da Perfin.

O grupo realizou sua primeira emissão de debêntures no fim do ano passado. A operação, no valor de R\$ 218 milhões, viabilizou a otimização da estrutura de capital de várias concessionárias, inclusive com liquidação de dívida antiga junto ao Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Ainda neste primeiro semestre, o plano é que a concessionária Norte Brasil Transmissora de Energia (NBTE) venha a mercado com uma emissão de R\$ 1 bilhão.

Em paralelo, a Evoltz também está atrás de oportunidades para terminar o processo de consolidação societária via aquisição de fatias minoritárias, sobre as quais têm direito de preferência, em três concessionárias. Esse trabalho começou no fim do ano passado, com a compra da participação da Embrade, do grupo BMG, na ATE VIII. O valor do negócio não foi revelado.

A empresa tem sócios em seus dois maiores empreendimentos. Na NBTE, linha de corrente contínua que conecta Rondônia a São Paulo, a concessão é dividida com a Eletronorte, que detém fatia de 49%. Na Manaus Transmissora de Energia (MTE), que passa por Pará e Amazonas, a sócia é a Eletrobras, com 49,5%. Em um ativo menor, o ATE IV, 23,6% são da estatal espanhola de fomento Compañía Española de Financiación del Desarrollo (Cofides).

**VEÍCULO:** Valor Econômico

**Data:** 28/02/2020

**Seção:** Empresas

**Autor:** André Ramalho e Bruno Villas Bôas — Do Rio

**Título:** Starboard compra Ouro Preto e estreia como produtora

A Starboard Restructuring Partners, gestora de private equity, concluiu a compra de 100% da Ouro Preto Óleo e Gás, segundo uma fonte. O negócio representa a saída do empresário Rodolfo Landim da Ouro Preto, dez anos após a criação da petroleira, e marca um novo passo na entrada da Starboard no mercado brasileiro de petróleo.

Especializada em recuperação de empresas, a Starboard é um private equity brasileiro que atua em situações como reestruturação de balanço ou endividamento, venda de ativos não prioritários e assessoria de companhias em reestruturação. É sócia da gestora americana Apollo Global Management e gere cerca de R\$ 3 bilhões. Um dos principais ativos da companhia é a Máquina de Vendas, que controla a Ricardo Eletro, no varejo.

A empresa colocou o seu primeiro pé no setor de óleo e gás em agosto de 2019, quando a 3R Petroleum - controlada pela Starboard - assinou contrato de US\$ 191,1 milhões com a Petrobras, para compra do Polo Macau, conjunto de campos terrestres que produz 4,2 mil barris diários de óleo equivalente (BOE/dia) no Rio Grande do Norte.

Como essa operação ainda não foi concluída, a aquisição da Ouro Preto marca a estreia da Starboard como produtora no Brasil. De imediato, a gestora incorpora uma produção de 515 BOE/dia de óleo e gás no complexo de Pescada e Arabaiana, no litoral potiguar, segundo dados de janeiro da Agência Nacional do Petróleo (ANP).

Com a compra da Ouro Preto, a Starboard reforça, portanto, a sua presença no Rio Grande do Norte, de onde virá 100% de sua produção, tanto em terra

quanto mar. Além disso, a gestora garante, com o corpo técnico da Ouro Preto, a qualificação como operadora A - o que lhe permite operar ativos em águas ultraprofundas, como no pré-sal.

Já para Landim, a venda da petroleira marca o seu distanciamento do setor petrolífero, para se dedicar à presidência do Flamengo. O executivo construiu na indústria de petróleo e gás toda a sua carreira. Passou mais de 20 anos na Petrobras, presidiu a BR Distribuidora e esteve à frente da abertura de capital da OGX, empresa cujo IPO foi fundamental para transformar Eike Batista no homem, à época, mais rico do Brasil. Ele deixou a OGX antes da derrocada das empresas do grupo e se envolveu em um contencioso com Eike.

Antes da venda da Ouro Preto, Landim já havia deixado a presidência do conselho da Constellation, antiga Queiroz Galvão Óleo e Gás (QGOG). Ele ainda aparece, no entanto, como um dos gestores da Mare Investimentos, segundo informações no site do fundo.

Desde o ano passado, quando assumiu a presidência do Flamengo, o nome de Landim tem saído nos jornais mais nas páginas de esportes do que de economia. Logo nas primeiras semanas do cargo, ele precisou lidar com a maior tragédia da história do clube: um incêndio que matou dez jovens das categorias de base do clube e feriu outros três. O ano que começou com uma tragédia terminou com conquistas em campo: o campeonato Brasileiro e a Copa Libertadores da América. O clube ainda bateu recorde de faturamento, na faixa de R\$ 900 milhões.

Se no mercado do futebol os números do Flamengo são superlativos, na Ouro Preto eles foram mais modestos. Mesmo no seu auge, a empresa poucas vezes conseguiu entrar no ranking dos 20 maiores produtores de óleo e gás do país. Nos últimos dois anos, Landim tentou dar uma guinada na empresa, por meio dos desinvestimentos da Petrobras, mas não teve sucesso em uma disputa pela compra dos polos Pampo e Enchova (Bacia de Campos), vendidos para a Trident Energy por US\$ 1 bilhão.

Procurada, a Starboard preferiu não comentar sobre a aquisição da Ouro Preto. Landim não retornou aos contatos da redação.

**VEÍCULO: Valor Econômico****Data: 28/02/2020****Seção: Empresas****Autor: André Ramalho — Do Rio****Título: Petrobras corta em 8,5% seu pessoal****Estatual chegou, ao fim do ano passado, com um efetivo de 57.983 trabalhadores**

A Petrobras cortou em 8,5% o seu número de empregados em 2019. A companhia chegou, ao fim do ano passado, com um efetivo de 57.983 trabalhadores, 5,3 mil funcionários a menos do que o quadro registrado em 2018 e 22,9 mil a menos do que em 2014, quando a estatal entrou em crise financeira. A tendência é que a força de trabalho continue a cair, à medida que a empresa avança com a venda de ativos e com os programas de desligamento voluntário (PDVs).

O corte do número de empregados se deu, sobretudo, nas controladas e no exterior, em função dos desinvestimentos. Em 2019, a empresa conclui a venda de controladas como a Transportadora Associada de Gás (TAG) e de ativos internacionais, como o negócio de distribuição do Paraguai e a refinaria de Pasadena (EUA).

Ao todo, a estatal fechou 2019 com 46,4 mil funcionários na holding (a controladora), ante os 47,5 mil de 2018, segundo o relatório anual da Petrobras. Nas controladas, o efetivo caiu de 13,9 mil para 10,7 mil trabalhadores entre 2018 e 2019 e, no exterior, o quadro recuou de 1,87 mil para 876 trabalhadores.

Para 2020, a expectativa é que novos cortes sejam feitos, com o avanço dos PDVs. No ano passado, a companhia lançou três programas do tipo: o primeiro voltado para empregados aposentados, o segundo para empregados de áreas em desinvestimento, e por fim, um terceiro voltado para empregados de áreas corporativas. Dos 3.294 empregados inscritos nesses três programas, 995 deixaram a Petrobras em 2019. Ou seja, ainda há ao menos 2,3 mil inscritos por se desligar.

Desde 2014, o número de empregados que deixaram a companhia devido aos PDVs soma 17.590. A estatal já pagou R\$ 5,83 bilhões em indenização por esses programas, que representavam, em dezembro, um retorno financeiro de R\$ 28,34 bilhões em custos evitados, segundo informações do relatório anual de 2019.

Já em termos de contratação, apenas 288 pessoas ingressaram na estatal no ano passado. A empresa não fez processos de seleção pública e contratou o novo pessoal com base nos concursos dos anos de 2017 e 2018.

O perfil do empregado da Petrobras continua sendo, majoritariamente, composto por homens com ensino superior. Do efetivo geral da empresa, 84% do pessoal era do sexo masculino em 2019. Dos membros da holding, 61,3% têm ensino superior, com ou sem especialização, mestrado ou doutorado.

**VEÍCULO: Valor Econômico**

**Data: 28/02/2020**

**Seção: Empresas**

**Autor: Jude Webber — Financial Times, da Cidade do México**

**Título: Pemex dobra prejuízo e produção cai**

### **Estatual mexicana de petróleo tenta evitar novo rebaixamento por parte das agências de classificação de risco**

A estatal mexicana Pemex dobrou seu prejuízo em 2019 e não conseguiu cumprir sua meta de produção, apesar de ter registrado recuperação, num momento em que luta para evitar um segundo rebaixamento do grau de sua dívida mobiliária para o status de alto risco nos próximos meses.

A empresa divulgou prejuízo de 169,8 bilhões de pesos (US\$ 8,7 bilhões) no quarto trimestre, comparativamente à perda de 157,3 bilhões de pesos contabilizada no mesmo período de 2018. Em 2019, o saldo negativo alcançou 346,1 bilhões de pesos, 91% acima da perda de 180,4 bilhões de 2018.

Considerando perdas atuariais, a empresa divulgou prejuízo integrado de 658,1 bilhões de pesos em 2019, comparativamente ao lucro de 43 bilhões de pesos de 2018. As dívidas eram de US\$ 105,2 bilhões no fim do ano passado.

A produção de petróleo bruto da Pemex, considerada isoladamente, foi de 1,693 milhão de barris/dia no quarto trimestre, contra 1,723 milhão de b/d contabilizado no quarto trimestre de 2018.

Incluindo-se a produção de parceiras privadas, o total produzido foi de 1,712 milhões de b/d, em relação ao 1,738 milhões de b/d do mesmo trimestre do ano anterior - mas inferior às expectativas da empresa de alcançar 1,8 milhão de b/d até o fim do ano passado.

O diretor financeiro, Alberto Velázquez, enfatizou, no entanto, que a empresa deteve a queda de produção que vinha sofrendo desde 2004 e que “estamos na direção certa”. O presidente do México, Andrés Manuel López Obrador,

transformou o “resgate” da Pemex em prioridade nacional. A produção alcançou 1,778 milhão de b/d em 31 de dezembro e estava em 1,819 milhão de b/d no fim de janeiro, disse Velázquez em teleconferência com analistas.

Em aparente aceno às agências de classificação de risco, Velázquez disse que a Pemex está publicando dados preliminares sobre as reservas comprovadas. Segundo fontes, as agências deverão promover novo rebaixamento da estatal no primeiro semestre deste ano em meio a temores de que a Pemex não será capaz de promover um crescimento sustentado da produção e à constatação de que enfrenta dificuldades para repor reservas.

A Fitch Ratings rebaixou a Pemex para alto risco em 2019, e uma segunda classificação desse nível obrigaria os detentores institucionais de pelo menos US\$ 10 bilhões em dívida a vender seus títulos, devido às normas que exigem que eles possuam papéis com grau de investimento.

**VEÍCULO:** Valor Econômico

**Data:** 28/02/2020

**Seção:** Empresas

**Autor:**

**Título:** Destaques

### **Navio encalhado da Vale**

A Marinha do Brasil informou que enviou diversos navios de apoio e uma aeronave para “apoiar, fiscalizar e verificar” a viabilidade dos planos de desencilhe da embarcação MV Stellar Banner, que sofreu avaria, na segunda-feira, e encontra-se a cerca de 100 quilômetros da costa de São Luís (MA). Carregado com minério de ferro, o navio pertence à sul-coreana Polaris, e presta serviço à Vale mediante contrato de afretamento. Segundo a Marinha, empresa contratada pela Polaris permanece no local onde o navio encalhou realizando inspeção das condições estruturais da embarcação e conta com quatro rebocadores para apoio e resposta, em caso de vazamentos de carga ou de óleo combustível, “não confirmados até o momento [ontem]”. A Vale disse que “tem empenhado todos os esforços e recursos” para mitigar possíveis impactos causados pelo incidente.

### **Venda da Gaspetro**

A Petrobras iniciou a etapa de divulgação da oportunidade para a venda de sua participação de 51% na Gaspetro. Nessa etapa, a estatal irá apresentar os critérios de elegibilidade para a seleção de potenciais participantes no processo.

A Gaspetro é uma holding com participação societária em diversas companhias distribuidoras de gás natural. Em 2019, o volume total de gás distribuído foi de 29 milhões de metros cúbicos por dia, atendendo cerca de 500 mil clientes com uma rede de distribuição de mais de 10 mil quilômetros de gasodutos, destacou a Petrobras em comunicado.

**VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**

**Data: 28/02/2020**

**Seção: Metrópole**

**Autor: André Borges / BRASÍLIA**

**Título: Navio sob risco tem 295 mil toneladas de minério no MA**

Imagens captadas já mostram manchas ao redor da embarcação; Marinha investiga caso e avalia se é possível evitar naufrágio

A mineradora Vale informou ontem que tem 294,8 mil toneladas de minério de ferro nos tanques do navio MV Stellar Banner, que está afundando no mar, em área a 100 quilômetros do litoral maranhense. A Marinha avalia se há algum modo de evitar o naufrágio e desencilhar a embarcação, que adernou após duas avarias no casco. Imagens obtidas pelo Estado feitas pela Marinha já mostram manchas de óleo ao redor do navio, apesar de as autoridades terem negado vazamentos. A embarcação é de propriedade e operada pela empresa sul-coreana Polaris. As 294,8 mil toneladas equivalem a quase 100% da capacidade de transporte da embarcação, que pode carregar até 300 mil toneladas.

Além do volume de minério, a embarcação carrega mais 3,5 mil toneladas de óleo residual e 140 toneladas de óleo destilado, que são usados como combustível do navio. As informações sobre a carga só foram fornecidas pela Vale após dois dias de questionamentos pelo Estado. O MV Stella Banner saiu do porto de Itaqui (MA) em 24 de fevereiro com destino a Qingdao, província de Shandong (China). O navio, que tem 55 metros de largura e 340 de comprimento, o equivale à área de mais de três campos de futebol, encalhou a 100 quilômetros da costa maranhense. O acidente ocorreu na noite de segunda-feira, já fora do canal de acesso ao porto. Para evitar o naufrágio, o comandante do navio adotou uma manobra de encalhe.

A mineradora afirmou que “tem empenhado todos os esforços e recursos para mitigar os possíveis impactos causados pelo incidente”. Os 20 tripulantes do navio já foram retirados em segurança, segundo a empresa. A Vale pediu à Petrobrás o apoio dos navios Oil Spill Recovery Vessel (OSRV) para contenção de eventual vazamento de óleo. A petroleira confirmou o apoio. A mineradora declarou que buscou a “contratação de especialistas em salvatagem,

adicionalmente à empresa contratada pela proprietária e operadora do navio, para acelerar o plano de retirada do óleo da embarcação”.

Foram solicitadas ainda boias oceânicas off shore, que podem servir preventivamente como barreiras de contenção adequadas para mar aberto, se necessário, além de colocar à disposição helicópteros para a movimentação de pessoal até o local. “A Marinha instaurou um inquérito administrativo para apurar causas, circunstâncias e responsabilidades do incidente”, informou o Comando do 4.º Distrito Naval da Capitania dos Portos do Maranhão. Uma reunião já foi realizada com a presença de representantes da Vale, da autoridade portuária, do agente marítimo e de mais dois membros da empresa Ardent Global. Um rebocador para conter danos ambientais foi enviado pela Vale.

Crise de reputação. Caso se confirme o naufrágio e seus potenciais danos ambientais, a Vale terá seu nome vinculado a um desastre pela terceira vez em menos de cinco anos. O episódio agrava a crise de reputação iniciada com o rompimento da barragem da Samarco – sociedade com a gigante anglo-australiana BHP –, em novembro de 2015. No auge do episódio que contaminou o Rio Doce, a Vale se declarou uma “mera acionista” da empresa.

Posteriormente, veio a tragédia de Brumadinho, que deixou 270 mortos e desaparecidos e novo rastro de lama em Minas Gerais, em janeiro do ano passado. Os desastres têm reflexos na relação da companhia com uma série de atores: sociedade, órgãos ambientais, governo, investidores.

A empresa enfrenta protestos de organizações da sociedade civil e é ré por crime ambiental. Do lado financeiro, a Vale registrou só em relação a Brumadinho despesas e provisões de R\$ 28,8 bilhões, mas já admite reservar até R\$ 8 bilhões a mais em compensação adicional à sociedade e ao meio ambiente, caso as autoridades se comprometam a dar fim às ações civis públicas. O colapso da barragem de Brumadinho foi o gatilho para investidores estrangeiros pressionarem mineradoras por maior transparência e segurança. A Vale entrou na mira de gestores estrangeiros que se desfizeram de títulos e ações da companhia. Questionada, a Vale não quis comentar os possíveis desdobramentos do episódio. Segundo uma fonte do setor de mineração, o custo estimado da perda do navio seria de R\$ 200 milhões para o armador. Já a carga de minério significaria cerca de R\$ 120 milhões na conta da Vale.

/COLABOROU MARIANA DURÃO

**VEÍCULO: Folha de S. Paulo****Data: 28/02/2020****Seção: Mercado****Autor:****Título: Petrobras desiste de vender Gaspetro em bolsa**

A Petrobras desistiu de abrir capital da Gaspetro e busca investidores para sua fatia de 51% na sua subsidiária de distribuição de gás natural. A venda direta reduz incertezas em relação ao acordo de acionistas, que prevê direito de preferência à japonesa Mitsui, que tem ações restantes da Gaspetro. O comprador não poderá ter operações em outros elos da cadeia de gás natural no país, para evitar questionamentos de órgãos de defesa da concorrência.

**VEÍCULO: Folha de S. Paulo****Data: 28/02/2020****Seção: Mercado****Autor: Nicola Pamplona****Título: Navio contratado pela Vale que encalhou tem cerca de 4.000 toneladas de óleo, diz Ibama**

Rio de Janeiro - O Ibama (Instituto Nacional de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis) informou nesta quinta-feira (27) que o navio encalhado na costa do Maranhão, contratado pela Vale, tem 4.000 toneladas de óleo combustível. As autoridades tentam acelerar o processo de retirada, para evitar um desastre ambiental.

A Vale afirma que são 3.500 toneladas de óleo residual e 140 toneladas de óleo destilado. O volume é quase equivalente às cerca de 5.000 toneladas de resíduos oleosos (óleo misturado a areia e água) recolhidas nas praias do Nordeste após vazamento de origem não identificada em 2019. Ainda não há sinais de vazamento no Maranhão, mas especialistas alertam para risco de rompimento do casco da embarcação.

A Marinha confirmou aberturas na proa do navio, mas ainda sem sinal de vazamento. O navio Stellar Banner deixava o terminal da Ponta da Madeira rumo à China quando sofreu avarias no casco após tocar o fundo do mar. Para evitar naufrágio, o comandante encalhou a embarcação em um banco de areia a cerca de cem quilômetros da costa. Segundo a Vale, o Stellar Banner carrega 294,8 mil toneladas de minério de ferro.

Ele mede 340 metros de comprimento, o equivalente a três campos de futebol, e tem 55 metros de largura.

Seu tamanho é um dos fatores que ampliam o risco de vazamento, já que a distribuição irregular do peso da carga ou a força das ondas pode provocar a ruptura do casco. Nesta quinta, quatro rebocadores prestavam apoio no local.

Ainda não há prazo para o início da operação de retirada do óleo —o que geralmente é feito com apoio de barcas, que recebem o produto dos tanques dos navios. A Vale informou que pediu à Petrobras embarcações recolhedoras de óleo no mar e está contratando barreiras de contenção.

O Ibama sobrevoou a área por volta das 16h desta quinta. Segundo o coordenador de Atendimento a Acidentes Tecnológicos e Naturais do Ibama, Marcelo Amorim, inspeção visual não identificou manchas de óleo perto do navio. Devido ao clima, porém, não foi possível usar os sensores da aeronave.

A equipe sobrevoou também praias que poderiam ser atingidas por eventual vazamento, de acordo com simulações de maré, e também não encontraram sinais de poluição por óleo. Novo sobrevoo será feito nesta sexta (28).

Pela manhã, as autoridades se reuniram para discutir o processo de resgate com a Vale e a Ardent Global, empresa contratada pela dona do navio. Segundo a Marinha, a Ardent está realizando inspeções das condições estruturais do navio.

Caso a retirada do óleo seja bem-sucedida, o próximo passo é tentar flutuar artificialmente o navio, para transporte até o terminal, onde o minério seria retirado. Todo o processo, porém, depende da manutenção das condições estruturais do casco.

Em nota distribuída nesta quinta, a Polaris diz que o Stellar Banner “entrou em contato com algo não identificado no fundo do mar”, o que levou a danos em tanques de água e espaços vazios em seu casco —trata-se de um navio de casco duplo, que é uma proteção extra contra colisões.

“Acredita-se que os porões de carga estejam intactos, e a situação está sob controle”, afirmou a companhia. Sediada em Seul, a Polaris é especializada no transporte de minério de ferro. Tem uma frota de 36 navios, sendo, 27 da mesma classe do Stellar Banner.

Em 2017, um navio de sua frota, Stellar Daisy, afundou na costa uruguaia quando levava 260 mil toneladas de minério da Vale para a China. Só dois dos 24 tripulantes foram encontrados. Eles haviam escapado em um bote salva-vidas.

**VEÍCULO:** Folha de S. Paulo**Data:** 28/02/2020**Seção:** Colunas**Autor:** Joana Cunha**Título:** Disputa**Painel S.A.:**

O Tribunal de Justiça de São Paulo condenou a Refit (antiga Refinaria de Manguinhos) ao pagamento de dez salários mínimos por litigância de má fé. A empresa buscava anular a cassação de sua inscrição estadual pela Fazenda de SP que aconteceu em 2017 por causa de dívidas no pagamento de ICMS.

Repetido

Na decisão, a juíza Cynthia Thomé escreveu que a empresa fez o mesmo pedido em outros tribunais e ocasiões, mas não se satisfaz com uma decisão sobre o assunto e tenta distorcer o comando judicial para ter decisão favorável. A Refit não comenta.

com Filipe Oliveira e Mariana Grazini

**VEÍCULO:** O Globo**Data:** 28/02/2020**Seção:** Economia**Autor:** BRUNO ROSA**Título:** Acidente de navio a serviço da Vale pode custar mais de R\$ 1 bi

Embarcação foi encalhada no Maranhão com 295 mil toneladas de minério

As perdas com o acidente envolvendo um navio contratado pela Vale que teve de ser encalhado no litoral do Maranhão podem superar R\$ 1 bilhão. De acordo com uma fonte do setor naval, o valor não inclui os prejuízos financeiros com um possível desastre ambiental.

A embarcação, operada pela empresa sul-coreana Polaris, está carregada com 294.871 toneladas de minério de ferro, 3,5 mil toneladas de óleo residual e 140 toneladas de destilado. O navio sofreu uma avaria na proa após deixar o Terminal Marítimo de Ponta da Madeira, em São Luís, na capital do Maranhão.

O problema ocorreu fora do canal de acesso ao porto, a cem quilômetros da costa. Segundo fontes, a embarcação corre o risco de afundar. A Marinha já detectou manchas de óleo no mar. Quatro rebocadores se deslocaram para o

local para coletar mais informações, disse a Marinha, que instaurou inquérito administrativo e “verifica a viabilidade dos planos de desencilhe para a retirada da embarcação do local”.

Em nota, o Greenpeace cobrou mais informações da Vale: “Precisamos de transparência, pois um possível vazamento de combustível fóssil da embarcação seria uma ameaça à biodiversidade marinha”.

Segundo uma fonte com experiência no setor ouvida pelo GLOBO, se não houver um acidente ou catástrofe ambiental, o custo do acidente pode superar R\$ 1 bilhão. O mais caro é o que se refere à salvação da embarcação, com o uso de rebocadores. O custo numa operação como essa é muito alto porque o trabalho pode durar dias.

#### AJUDA DA PETROBRAS

A maior parte da despesa está atrelada ao custo para o reboque da embarcação. O valor relativo ao minério é a menor parte das despesas, apesar de a tonelada do produto custar US\$ 90. A embarcação, operada pela empresa sul-coreana Polaris, tinha como destino a China. Em geral, a operadora fica com o custo de um acidente, mas isso vai depender das circunstâncias das manobras feitas pelo navio ao sair do terminal portuário da Vale.

Está sendo investigado se houve uma falha humana ou de equipamento. O advogado Rafael Daudt, especialista em Direito Ambiental, lembra que, mesmo que o navio não seja de propriedade da Vale, a mineradora é a contratante e dona do minério:

— Então, me parece que a Vale responde pelo dano ambiental, se houver. O produto é da Vale, e ela aparentemente assumiu a responsabilidade pelo transporte. O Superior Tribunal de Justiça (STJ) tem um precedente de exclusão da responsabilidade do adquirente da carga transportada.

A Vale informou que montou uma força-tarefa para evitar danos ambientais na costa do Maranhão. A empresa solicitou ajuda à Petrobras para conter um eventual vazamento de óleo no mar. A mineradora solicitou embarcações chamadas no mercado de Oil Spill Recovery Vessel (OSRV). A Vale afirmou que busca especialistas em salvação “para acelerar o plano de retirada do óleo da embarcação”!

**VEÍCULO: O Globo****Data: 28/02/2020****Seção: Economia****Autor: GABRIEL MARTINS E GUSTAVO MAIA RIO E BRASÍLIA****Título: Moeda americana renova recorde, a R\$ 4,476**

Pela manhã, divisa foi negociada a R\$ 4,50, e BC entrou no mercado com US\$ 1 bi. Bolsa brasileira tem nova queda, de 2,59%, enquanto índices americanos perdem mais de 4% com casos de coronavírus na Califórnia

O dólar comercial renovou ontem seus recordes históricos. Por volta das 11h45m, a moeda chegou a ser negociada a R\$ 4,501, maior cotação intradiária do Plano Real. A alta perdeu fôlego, e a divisa encerrou com valorização de 0,8%, a R\$ 4,476, outro recorde. Já o Ibovespa, índice de referência da B3, que chegou a avançar 0,25%, acabou fechando em queda de 2,59%, aos 102.983 pontos. Na véspera, havia desabado 7%.

O Banco Central (BC) chegou a atuar no mercado de câmbio, com um leilão de 20 mil contratos de swap cambial (oferta de dólar com compromisso de recompra no futuro), uma operação de US\$ 1 bilhão.

O presidente Jair Bolsonaro lamentou ontem, em uma rede social a alta do dólar, que atribuiu à chegada do coronavírus ao Brasil. E assegurou que não vai interferir na política monetária do BC, “quando vende dólar ou não vende”.

—A gente lamenta, porque isso aí, mais cedo ou mais tarde, vai influenciar naquilo que nós importamos, até no pão, no trigo —disse Bolsonaro, contando que tem conversado com o ministro da Economia, Paulo Guedes. — Tenho que confiar nele. E vou continuar confiando. O problema agora do dólar, a culpa é do coronavírus, paciência.

#### ‘RUÍDOS POLÍTICOS’

Segundo analistas de mercado, os investidores ainda avaliam a expansão global do novo coronavírus, que já tem um caso confirmado no Brasil. Outro fator é o temor de que os conflitos entre o presidente e o Congresso atrasem as reformas econômicas.

— Esse movimento (de quedados mercados) acabou sendo potencializado tanto pela confirmação do primeiro caso de coronavírus no país quanto por ruídos políticos gerados pelo governo, que podem interferir no andamento de reformas —disse Gilmar Lima, economista do banco BMG.

Para Lima, a deterioração da relação entre Palácio do Planalto e Congresso aumenta a percepção de risco do investidor:

—As reformas são fundamentais para o crescimento do país. Indícios que passem a ideia de atraso nessa agenda prejudicam o Brasil.

No atual cenário, já se fala em crescimento inferior a 2% este ano. Alex Agostini, economista-chefe da Austin

Rating, lembra que o Brasil é afetado tanto pela queda nos preços das commodities como pela menor demanda global por matérias-primas.

—Também devemos destacar a questão política, os atritos entre Executivo e Legislativo. A disseminação do novo coronavírus e a falta de sintonia política no Brasil penalizam ainda mais os mercados locais —disse Agostini.

Em Nova York, os principais índices acionários perderam mais de 4% depois que o governo da Califórnia informou estar monitorando 8.400 pessoas por causa do coronavírus. Há 33 casos confirmados no estado.

O Dow Jones caiu 4,42%. O S&P perdeu 4,43%, sua maior queda em um único dia desde 18 de agosto de 2011. A Bolsa eletrônica Nasdaq teve desvalorização de 4,61%.

## **GASPETRO SERÁ VENDIDA**

Na Europa, o presidente da França, Emmanuel Macron, afirmou ontem que o país está “diante de uma epidemia”. A Bolsa de Paris perdeu 3,32%. Frankfurt e Londres caíram, respectivamente, 3,19% e 3,49%.

No Ibovespa, as ações ON (com direito a voto) da Petrobras caíram 3,42%, a R\$ 26,83. Já os papéis PN (sem voto) perderam 3,47%, a R\$ 25,30. O barril do petróleo tipo Brent recuou 2,34%, a US\$ 52,18.

A Petrobras informou ontem que iniciou o processo de venda de sua fatia de 51% na Gaspetro — subsidiária que tem participações em todas as distribuidoras estaduais de gás natural canalizado. A estatal desistiu de seus planos originais, de fazer uma oferta pública de ações. Executivos do mercado estimam que a operação poderá render cerca de US\$ 600 milhões, incluindo o prêmio pelo controle da Gaspetro.

Colaborou Ramona Ordonez

**MME / ASCOM .**